

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)



# A Influência da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)



# A Influência da Comunicação 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I43      A influência da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador  
           Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.  
  
           Formato: PDF  
           Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader  
           Modo de acesso: World Wide Web  
           Inclui bibliografia  
           ISBN 978-65-86002-32-4  
           DOI 10.22533/at.ed.324201003  
  
           1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Jornalismo. I. Silva,  
           Marcelo Pereira da.

CDD 303.48

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Etimologicamente, a palavra “influência” deriva do ato ou efeito de influir, ação que uma pessoa, organização e/ou ator social exerce sobre outrem. Liga-se ao prestígio, ao crédito, à ascendência, ao predomínio e ao poder. Poderíamos dizer, assim, que pensar a influência da Comunicação remete a um universo caleidoscópico, investido de nuances que envolvem sujeitos, nações, narratologias, mídias virtuais e de massa, jornalismo, comunicação pública, publicidade, cinema, produção audiovisual, relações públicas, marcas, etc.

Destarte, este e-book intitulado “A influência da Comunicação 2”, comunga estudos, olhares e análises de pesquisadores de todo Brasil que trafegam pelos campos do jornalismo, da comunicação pública e política, das mídias emergentes, do bios virtual e das práticas/experiências do consumo, contribuindo para a elaboração de uma obra que debate o estatuto da Comunicação em um contexto cada vez mais midiático e permeado pela cultura de consumo.

Carecemos de uma renovação das condições teóricas, epistemológicas, profissionais e metodológicas da Comunicação e do fulcral laço social, tão frágil nas sociedades expostas aos imprevisíveis ventos da globalização, da midiática e do consumo sem bússola. Desta perspectiva, podemos produzir mecanismos analíticos, dados e informações que geram impacto social e auxiliam no entendimento, mas, também, na construção de um mundo melhor e mais justo.

(Re)conhecer a influência da Comunicação para a sociedade, as organizações, os Estados-nação e os sujeitos, tornou-se *sine qua non* para a gestação da paz, a redução das desigualdades econômicas, culturais e sociais. Assim como a política perpassa o tecido social, a Comunicação, igualmente, se entrama por esse tecido, o define, o significa, o ressignifica e o constitui.

Necessitamos admitir os desafios, desvios e dificuldades da Comunicação, abraçando as oportunidades, esperanças, possibilidades e influências que dela efluem.

Marcelo Pereira da Silva

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
<b>“VOCÊ VÊ. VOCÊ LÊ. VOCÊ OUVI”: A CONVERGÊNCIA ENTRE RÁDIO, ON-LINE E JORNAL EM GAÚCHAZH</b>	
Guilherme Jancowski de Avila Justino Luiz Artur Ferraretto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3242010031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
<b>APONTAMENTOS E INFERÊNCIAS PARA UMA TEORIA DA DOGMATIZAÇÃO NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA</b>	
Marcos Reche Ávila	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3242010032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
<b>DE ELOÁ A ELAINE: IMPRENSA E O ASSASSINATO DE MULHERES BRASILEIRAS</b>	
Nealla Valentim Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3242010033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
<b>REGIONALIZAÇÃO E REDAÇÕES CONVERGENTES: ESTRATÉGIAS MERCADOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO</b>	
Amanda Lais Pereira Noletto Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3242010034</b>	
<b>INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA E POLÍTICA</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
<b>COMUNICAÇÃO PÚBLICA E A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: UMA INTERCESSÃO NECESSÁRIA À DEMOCRACIA</b>	
Kênia Augusta Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3242010035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
<b>O PRINCÍPIO DA TRANSPARÊNCIA ADMINISTRATIVA E A COMUNICAÇÃO DA INFORMAÇÃO PÚBLICA NO DIREITO DE ACESSO À INFORMAÇÃO</b>	
Petter Ricardo de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3242010036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
<b>DISCURSOS POLÍTICO-EDUCACIONAIS NO FACEBOOK E NO TWITTER DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ</b>	
Karen dos Santos Correia Douglas Junio Fernandes Assumpção	

Analaura Corradi

**DOI 10.22533/at.ed.3242010037**

**CAPÍTULO 8 ..... 89**

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS: UMA ANÁLISE DAS *FANPAGES* DE UNIVERSIDADES FEDERAIS MINEIRAS

Pedro Augusto Farnese de Lima

Laura Chediak de Souza Trevisani

**DOI 10.22533/at.ed.3242010038**

**CAPÍTULO 9 ..... 103**

O CINEMA IRANIANO DE ABBAS KIAROSTAMI E JAFAR PANAHI: ESTRATÉGIAS DE UMA COMUNICAÇÃO POLÍTICA

Kaio César Monteiro Orsini

**DOI 10.22533/at.ed.3242010039**

**INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS DE CONSUMO, MARCAS E PUBLICIDADE**

**CAPÍTULO 10 ..... 116**

CLUBE DA ALICE: COMO O GRUPO NO *FACEBOOK* INFLUENCIOU O COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE MULHERES CURITIBANAS

Bruna Marrocos Slongo

**DOI 10.22533/at.ed.32420100310**

**CAPÍTULO 11 ..... 126**

COMUNICAÇÃO PERSUASIVA E MERCADOLÓGICA: FOLKCOMUNICAÇÃO E FOLKMARKETING NO FESTIVAL DE PARINTINS – AM

Ana Paula Almeida Miranda

**DOI 10.22533/at.ed.32420100311**

**CAPÍTULO 12 ..... 141**

A PROTEÇÃO AO CONSUMIDOR COMO PROCESSO COMUNICATIVO, INTERACIONAL E INTERATIVO: CONSIDERAÇÕES NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA

Solange de Fátima Wollenhaupt

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari

**DOI 10.22533/at.ed.32420100312**

**CAPÍTULO 13 ..... 152**

PUBLICIDADE INFANTIL: PANORAMA DE PEÇAS APÓS A PROIBIÇÃO LEGAL

Juliane de Sousa Ramos

Jhonatan Oliveira Domingos

Tatiane Munhoz Freitas

Aguinaldo Pettinati

**DOI 10.22533/at.ed.32420100313**

## A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NO BIOS VIRTUAL – ANÁLISES E CASOS

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
MIDIATIZAÇÃO, (IN)COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS: UMA ANÁLISE DA CASA DO BRASIL DE LISBOA E DAS MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS EM PORTUGAL	
Jéssica de Cássia Rossi Marcelo Pereira da Silva Raquel Cabral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
O DEBATE ON-LINE SOBRE A ÉTICA NA CIÊNCIA NO CASO HE JIANKUI: OPORTUNIDADES, LIMITES E DESAFIOS DA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Renata de Lima Sousa Ivânia Maria Carneiro Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100315</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>184</b>
FEMINISMO, ATIVISMO ONLINE E ORGANIZAÇÕES EM AMBIÊNCIA DIGITAL: USO DAS HASHTAGS #ASSÉDIOÉCRIME E #NÃOÉNÃO NO CARNAVAL 2018	
Gisela Maria Santos Ferreira de Sousa Maria do Carmo Prazeres Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
BOLSONARO: ANTAGONISMOS EM SEU PRÓPRIO GOVERNO	
Gabriel de Medeiros Vaz Rafael Rocha Jaime	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>207</b>
FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA ENQUANTO <i>HABITUS</i> DENTRO DO NOSSO AMPLO PRESENTE	
Emmanuel Alencar Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100318</b>	
<b>INFLUÊNCIA DE MÍDIAS EMERGENTES, CINEMA E NARRATOLOGIA</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>217</b>
POR QUE MARATONAMOS? REFLEXÕES SOBRE <i>BINGE WATCHING</i> A PARTIR DA ABORDAGEM DO USO E GRATIFICAÇÕES	
Raquel Lobão Evangelista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>230</b>
CHANTAL AKERMAN E O CINEMA INTELECTUAL EISENSTEINIANO	
Izabele Caroline Leite Medeiros Laís Rodrigues Coelho Pêgas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100320</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
NO BAIRRO E NO MUNDO, ATIVIDADE ARTÍSTICA JURUNENSE: DE GABY AMARANTOS À LEONA VINGATIVA	
Izabele Caroline Leite Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>251</b>
ESTRUTURAS NARRATIVAS E ENGAJAMENTO EM HUMANS OF NEW YORK	
Emilio José de Sant’Anna Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100322</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>264</b>
STREAMING E NARRATIVA COMPLEXA: UMA ANÁLISE DE <i>A MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL</i>	
Alexandre Tadeu dos Santos Matheus Fonseca Bolentine	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100323</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>277</b>
AS NOVAS MÍDIAS E A INTERATIVIDADE COGNITIVA: ALIKE	
Ana Elisa Pillon Luciane Maria Fadel Vania Ribas Ulbricht	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32420100324</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>285</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>286</b>

## FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA ENQUANTO *HABITUS* DENTRO DO NOSSO AMPLO PRESENTE

Data de aceite: 02/03/2020

Data de submissão: 03/12/2019

**Emmanuel Alencar Furtado**

Universidade Tuiuti do Paraná

Curitiba, PR

<http://lattes.cnpq.br/4790409108458067>

**RESUMO:** O presente artigo em construção aborda o relacionamento entre a fotografia de família e a sociedade dentro do campo comunicacional, considerando-o *habitus* diante do nosso amplo presente. Para tanto, apresenta-se um breve histórico da fotografia de família, considerações sobre o valor de exposição e valor de culto, bem como sobre a aura da fotografia de família nesse contexto. Discorre-se também sobre o passado e o presente, e como podemos observar a história da fotografia. Há intervenções sobre o sujeito sociológico e o pós-moderno, este que ao se fragmentar em diversas identidades contribui na fragmentação da fotografia de família. Questiona-se enfim, se a fotografia de família continua alimentando a memória no processo de criação de realidades, dentro do contexto tecnológico que constitui a dimensão espaço-temporal contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; fotografia de família; *habitus*; memória; amplo presente.

### FAMILY PHOTOGRAPHY WHILE *HABITUS* WITHIN OUR LARGE PRESENT

**ABSTRACT:** This article under construction addresses the relationship between family photography and society within the communicational field, considering it a habitus in the face of our broad present. To this end, we present a brief history of family photography, considerations on exposure value and cult value, as well as on the aura of family photography in this context. It also discusses the past and the present, and how we can observe the history of photography. There are interventions on the sociological subject and the postmodern, which, by splitting into various identities, contributes to the fragmentation of family photography. Finally, it is questioned whether family photography continues to feed memory in the process of creating realities within the technological context that constitutes the contemporary space-time dimension.

**KEYWORDS:** Photography; family photography; habitus; memory; wide present.

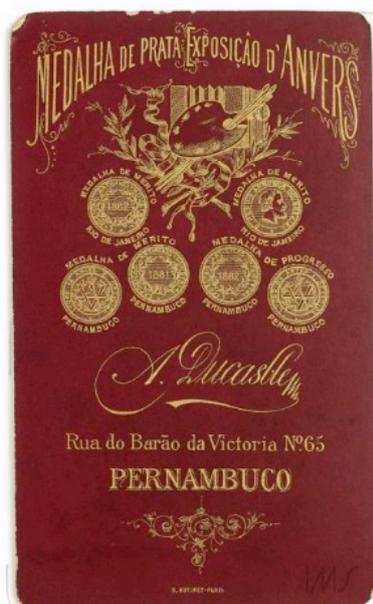
### INTRODUÇÃO

A humanidade está repleta de imagens que superam a capacidade de admirá-las com a devida atenção. O ato de fotografar popularizou-se de tal maneira que temos

a pretensa intenção de colecionar todos os momentos que são considerados relevantes. É o que Susan Sontag (2004:13) diz quando se tem “a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens”. Esse cenário coloca a fotografia, e em especial a fotografia de família, no papel de coadjuvante da memória das crônicas da vida cotidiana. Boris Kossoy (1998:42) afirma que a “fotografia é memória e com ela se confunde”.

Ademais, a fotografia de família revoluciona a memória interagindo com a subjetividade do sujeito diante de sua humanidade e interpretação do mundo. Afinal, a fotografia preenche as lacunas da memória, acrescentando, retirando ou dando novas perspectivas para ela. É um diálogo com seus antepassados, dentro de uma dinâmica na qual a memória é convidada a participar ativamente, mesmo que reconstruída pelos fragmentos dos acontecimentos registrados nas imagens. Tal reconstituição implicará, segundo Kossoy (1998:46) em “um processo de criação de realidades”. Sendo assim, o anseio do indivíduo apreciar sua própria imagem perpetuada através do retrato fotográfico catalisou o surgimento de uma indústria e de um mercado, fortalecendo assim, o que Kossoy (2001:134) denomina de “civilização da imagem”.

Poucas décadas após o advento da fotografia, o conhecimento visual do mundo se torna parte do cotidiano das pessoas. Dentro desse contexto histórico, a introdução da *carte de visite* impulsiona o retrato fotográfico. Idealizada em 1854 pelo fotógrafo francês André Adolphe-Eugène Disdèri para atender à população das classes econômicas menos favorecidas, a *carte de visite* (fotografias 1 e 2) possuía dimensões reduzidas e podia ser distribuída dentro do círculo familiar e na sociedade (LEITE, 2011).



Fotografia 1: Alfredo Duscable. Verso de carte de visite, c. 1885. Recife, Pernambuco

Fonte: Acervo IMS



Fotografia 2: Alfredo Duscable. Retrato de criança, c. 1885. Recife, Pernambuco

Fonte: Acervo IMS

A fotografia inicia sua popularização ao ser portátil, reproduzível e comercialmente interessante. Benjamin (1987:166) descreve que “em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível”. Assim, a técnica da fotografia é passível de ser reproduzida, apresentando um novo processo no qual as mãos ficam libertas das responsabilidades artísticas, cabendo ao olho humano tal função. Esse fato ajuda a fotografia a ganhar mais espaço. Importante recordar o que Benjamin (2012:45) aponta sobre a importância do retrato nesse momento histórico:

Com a fotografia, o valor de exposição começa a premir para trás o valor de culto em todas as frentes. Este, porém, não recua sem resistência. Ocupa uma última trincheira que é a face humana. Não é nada casual que o retrato era central nos primórdios da fotografia. No culto da recordação dos entes amados, distantes ou falecidos, o valor de culto da imagem encontrou seu último refúgio. Na expressão fugaz de um rosto humano.

Considerando assim o aspecto do valor de culto, o retrato de família passa também a ganhar espaço. Esses álbuns de família, segundo Benjamin (op. cit.: 97) surgem no momento que a fotografia se fortalece como atividade profissional sobrepujando a carreira dos pintores.

Susan Sontag (2004:19) complementa esse raciocínio quando discorre sobre as características dos álbuns de família na contemporaneidade, ao dizer que “por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma [...]. Pouco importa as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas e estimadas”. Desta maneira, a fotografia de família entra no ritual do cotidiano como um item obrigatório a se ter em casa. Ela passou a ter a função de guardiã da família ampliada, ou do que restou dela.

Todavia, o sujeito pós-moderno, usando o conceito definido por Stuart Hall (2006), aparenta falta de interesse em usar a fotografia no roteiro da sua vida com o objetivo de preservar a memória, de seus ascendentes ou descendentes, tratando a fotografia como um documento histórico. Porém continua a registrar os momentos, os armazena e os coloca à disposição de sua rede social. Hoje a sociedade está caracterizada pela liquidez das relações, onde uma imagem fica acessível somente por um dia. A avalanche imagética que se vive atualmente transformou a fotografia e sua relação com a família, mudando seu relacionamento que outrora existia.

Sendo assim, o objetivo deste artigo em construção situa-se em um esforço de reflexão sobre o papel da fotografia de família e seu relacionamento com a sociedade moderna e de seu amplo presente. Para isso, pretende-se relatar uma breve história da fotografia de família e sua aura, como a fotografia se posiciona como *habitus*, realizando intervenções elucidativas, mantendo a dialética, sobre o valor de culto e de exposição, dentro da sociedade moderna e do presente ampliado.

## A FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA COMO *HABITUS*

### Uma Breve História Sobre a Fotografia de Família

O desejo do indivíduo em apreciar sua própria imagem perpetuada através do retrato fotográfico catalisou o surgimento de uma indústria e de um mercado, fortalecendo assim, o que Boris Kossoy (2001:134) denomina de “civilização da imagem”. Poucas décadas após o advento da fotografia, o conhecimento visual do mundo se torna parte do cotidiano das pessoas.

Eram fotografias caracterizadas por serem planejadas desde seu figurino e iluminação, perpassando pela pose, até a mensagem que se pretendia registrar. Surge assim uma maneira de confirmar, ou insinuar, uma posição social dentro de uma sociedade de classes distintas e popularizar o retrato. A tecnologia da época permitia a reprodução de tais imagens, fazendo com que a pintura perdesse espaço. A família encontrou uma maneira de cultuar a si própria e gravar nas lâminas sua composição para as gerações futuras. O valor de culto ainda assim resistia ao avanço do valor de exposição, como afirma Walter Benjamin (2012:45).

Mesmo resistindo ao avanço do valor de exposição, pode-se identificar, mesmo de maneira sutil, o início da perda da aura dos momentos em família registrados nas fotografias. Além da reprodutibilidade técnica da imagem favorecer tal perda, o álbum de família passou a constituir um seletor recipiente de memórias que se desejavam guardar, não importando o quanto era autêntico tal acontecimento. Tal decadência é revelada por Benjamin (2017:58) quando ele relata que os lugares preferidos dos álbuns fotográficos eram “os cantos mais frios da casa, os aparadores ou as mesinhas de centro na sala de visitas [...], nas quais se viam figuras ridicularmente vestidas e de cintura apertada”. O ato fotográfico que seria para lembrar passava também a ajudar a esquecer, demarcando assim uma imbricação profunda entre a presença e a ausência nas relações familiares. Benjamin (2017:61) acerca disso comenta que a “grande preocupação dos fotógrafos quanto à aura [...] foi a de criar a ilusão dessa aura através de todas as artes do retoque, em especial pelo recurso ao processo da goma bicromatada”.

A fotografia de família entra no ritual do cotidiano como um item obrigatório a se ter em casa. Ela passou a ter a função de guardiã da família ampliada, ou do que restou dela. É o valor de exposição se sobrepondo ao valor de culto. Tal atração profunda pela contemplação da fotografia de família pode ser explicada pela definição de Miriam Moreira Leite (2001:159), de que tais retratos estão ligados aos ritos de passagem, ou seja, a acontecimentos que marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social. Os ritos funcionam como um intervalo de indefinição social, de transição de um tempo normal e repetitivo para outro estado, como a passagem da criança ao adulto ou do solteiro a casado. No século XIX era

comum fotografar parentes mortos e manter suas fotos no álbum como uma forma de mostrar que, mesmo ausentes, eles faziam parte da família (KOSSOY, 2001). Outros ritos familiares são registrados em imagens tendo-se a impressão de que serão imortalizados nos álbuns e nos porões da memória.



Fotografia 3: Família de imigrantes japoneses - 1946.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Ao classificarmos os retratos de família conforme Miriam Moreira Leite (1998:39) o faz, temos dois tipos diferentes: os formais (de casamentos, batizados, formaturas, comunhões) e os informais (retratos de férias e dos momentos ociosos). A autora comenta que o primeiro ainda mantém o padrão do século XIX sobre a dignidade do grupo familiar, conforme podemos analisar na fotografia 3. Essa retrata uma família de imigrantes japoneses e seus descendentes nascidos em solo brasileiro. Já o segundo, os chamados de instantâneos, registram instantes alegres, encobrendo os conflitos e transgressões do núcleo familiar. Interessante compreender que tanto uns quanto outros tipos de fotografia acabam se tornando tributários do referente que o originou ao constituir, como documento, uma segunda realidade com múltiplas interpretações (KOSSOY, 2001).

Ciente dessa circunscrição histórica da fotografia, cabe lembrar que atualmente qualquer situação pode ser registrada com facilidade, uma vez que a portabilidade da câmera fotográfica é confirmada empiricamente. Essa simplicidade e alta produção de imagens acabam promovendo o descarte considerável de fotos e, mesmo assim,

a manutenção da civilização da imagem. Sontag (op. cit.: 195) afirma que “a razão final para a necessidade de fotografar tudo repousa na própria lógica do consumo em si”. Esse aspecto ganha força dentro do sistema capitalista que massifica a arte fotográfica, promovendo-a a um rito social imprescindível. Gera a necessidade de consumo desenfreado da fotografia para registrar o acontecimento, inclusive como “prova” de que este aconteceu na realidade. Benjamin (2017:66) adianta que “o amador que regressa a casa com uma série de fotografias artísticas não nos satisfaz mais do que um caçador que volta da sua batida com muitas peças de caça que só interessam ao comerciante”.

Nesse trajeto histórico, o processo do ato fotográfico evoluiu juntamente com o seu aparato tecnológico, transformando o relacionamento do homem com a fotografia, bem como nas suas concepções dentro do amplo presente da sociedade moderna. A narrativa da crônica da vida cotidiana e seu laço com a fotografia adquirem contornos transformadores e que provocam a mudança do papel dessa última. Os álbuns digitais acabam inspirando as famílias a vivenciar novas experiências fotográficas (SANZ, 2005).

## AMPLO PRESENTE

A memória está recheada de histórias adormecidas e cheia de lacunas a serem preenchidas. Armazena mistérios e alimenta o imaginário do sujeito. A fotografia veio exercendo através dos tempos o papel de coadjuvante nesse roteiro, emoldurando os momentos na cronologia da vida. Como uma moldura, inclui o que lhe foi imputado e exclui o restante, lembrando à memória as relações de presença-ausência e lembrança-esquecimento, abrindo para ela caminho para novas leituras da mesma história. Contudo, com o advento da fotografia digital e da sua popularização com o avanço tecnológico das câmeras dos telefones celulares, essa relação fotografia-memória vem sofrendo impactos e mudanças significativas. Cabe esclarecer que ao mencionar a relevância da tecnologia não está se estabelecendo uma relação de causa e efeito, onde essa seria a única responsável que determinou tais mutações. Foi a relação, da qual a tecnologia faz parte, do sujeito em busca da sua identidade com a sociedade moderna que se alterou.

Diante disso, o sujeito sociológico refletia, nesse recorte, segundo Stuart Hall (2006:11), “a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente”. Ou seja, era importante o “eu” se relacionar com a sociedade e estar ligado intrinsecamente à estrutura existente. Seria um sujeito com uma identidade cultural unificada e estável. As fotografias de família do fim do século XIX e início do século XX ajudam a exemplificar esse sujeito (vide fotografia 3). Afinal, as famílias compareciam aos

estúdios fotográficos com seus melhores trajes, para eternizar seus “momentos” pelo olhar do profissional e apresenta-los à sociedade. Kossoy (2001:110) trata dessas representações como um ato fotográfico-teatral, onde o personagem central era o próprio retratado e o fotógrafo, o diretor da peça.

Contudo, a sociedade evoluiu e apresenta mudanças estruturais e institucionais fazendo emergir o sujeito pós-moderno. Tal sujeito que não possui identidade fixa, essencial ou permanente. Possui identidades fragmentadas que transitam entre os sistemas de significação e representação cultural, as quais se multiplicam freneticamente (HALL, 2006). Na esteira dessa fragmentação, a fotografia de família não ficou imune. Atualmente as famílias e seus integrantes não se preocupam em fotografar somente para recordar, em algum momento futuro, o evento do qual participam (SANZ, 2005). Eventualmente, durante determinados ritos sociais, talvez o façam. Porém, a necessidade de dar um sentido de presença fragmentou o conceito de fotografar com sentido de construção da memória. Fotografa-se também para comprovar o “presente” e dar legitimidade ao momento.

Sob esse ponto de vista, registrar dezenas de imagens de tais momentos segue o ritmo acelerado da sociedade contemporânea. O movimento estático de congelar o momento das fotografias perde sentido, pelo contrário, ganha algo semelhante à cadência do amplo presente, segundo Grumbrecht (2015). A experiência precisa ser compartilhada nas redes sociais e aparentemente não há motivos para armazenar a imagem para visualizar posteriormente. Afinal, o presente ainda está acontecendo.

## O HABITUS

Marialva Barbosa (2012:149) discorre sobre o presente e o passado como processo comunicacional. Tal trecho contribuirá na compreensão do contexto considerado para analisar as tensões entre a sociedade e a fotografia de família no campo da comunicação.

A mesma lógica processual que governa a reflexão em torno das práticas comunicacionais governa também o olhar histórico. O momento atual é resultado de um jogo acumulativo dos processos que começaram muito antes de nós. Por outro lado, também não é um contexto fora das práticas comunicacionais que explica o mundo histórico. [...]. E só porque são um ato comunicacional é que esses restos, rastros e vestígios puderam chegar ao presente. O passado só se deixa ver sob a forma de processos comunicacionais duradouros.

Pode-se convergir com tal percepção, ao considerar que a comunicação é a construção de espaços comuns e que outros construíram saberes que devem ser reconhecidos como influentes nas reflexões atuais sobre a comunicação. Dito isso, e considerando que a fotografia é um objeto dentro do processo comunicacional, é importante entender que quem o produz é o *Operator* que registra aquilo que já

é passado. Como diz Sontag (2004:92) “... o fotógrafo é animado por uma paixão que, mesmo quando aparenta ser paixão pelo presente, está ligada a um sentido do passado”.

A fotografia do passado, ao pensar cronológica e linearmente, não fica inerte. Influencia a fotografia do presente e torna-se um sistema de referências dos quais a sociedade e suas classes se apropriam e dele se utilizam. É o que Bordieu (1996:43) chama de *habitus*.

Bordieu (op. cit.) situa sua análise do novo capital no ambiente escolar, mas é coerente e razoável transpor para a fotografia tal conceito. Como ele define (op. cit.:42), “o *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação”. O registro fotográfico é dotado desse senso prático, uma vez que vem se acumulando historicamente como um ritual social e como mercadoria dentro de um sistema econômico capitalista.

O sujeito pós-moderno, na ânsia de se relacionar com o mundo ao seu redor, considera que todos os momentos são fotografáveis. A imagem integra-se aos próprios eventos, sendo tributária desses como atributo de sua realização momentânea. É o que Sanz (2005) diz ao afirmar que “não é apenas um acontecimento singular que “merece” ser fotografado, mas é o fato de ser fotografado que o torna acontecimento”.



Fotografia 4: Pessoa realizando um autorretrato.

Fonte: Internet. <https://bit.ly/2tAVayv> - acessado em 28/06/2019.

O ato de fotografar e, conseqüentemente, a fotografia podem ser encaradas por posições epistemológicas distintas. Pode ser um espelho da realidade, uma deturpação ou um indício (LEITE, 1998). Os autorretratos contemporâneos, mais especificamente as chamadas “selfies”, como exemplificado na fotografia 4, são exemplos desses posicionamentos. Uma vez que diante do instante decisivo (CARTIER-BRESSON, 2004) e da objetiva, o sujeito pode ser aquele que ele julga

ser ou aquele que ele atua para que os outros o julguem como ele deseja. Já com a fotografia de família, Barthes (2015:20) descreve o campo de forças que é o retrato. É um campo onde quatro personagens disputam um espaço.

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura [...].

## CONSIDERAÇÕES

A relação do sujeito pós-moderno com a fotografia digital impactou nas suas experiências fotográficas, dentro do contexto capitalista que massifica a arte fotográfica e uma civilização imagética. O consumo desenfreado da fotografia para registrar a realidade e dar autenticidade daquilo que existiu ou está acontecendo pode ser uma das suas principais consequências. Nesse arcabouço de mudanças, a fotografia de família acaba por integrar uma estrutura social que as pessoas se articulam e orquestram suas ações como resultado de um movimento involuntário ou inconsciente. (BORDIEU, 1996:43)

O impacto das tecnologias é visível, pois possibilitam que a comunicação, em especial se utilizando das imagens, cresça de maneira exponencial. Contudo, transformará a dimensão espaço-temporal na qual estamos imersos. (BARBOSA, 2012:150)

Outro aspecto que merece atenção e estudo é o quanto a fotografia de família vem perdendo força na relação com a memória dentro do nosso amplo presente. Será que estamos vivenciando um ponto de mutação onde a fotografia está se fragmentando em pequenos pedaços que tendem a desaparecer? Seu valor de exposição não se limita ao ato fotográfico e ao seu compartilhamento. Ao fotografar, você se mostra presente à sociedade e por vezes nem vivencia o real momento, a aura. Acaba sendo um rito social obrigatório e que perde significado ao se apertar o botão para o próximo registro.

A esperança de sobrevivência reside no valor de culto da fotografia de família que permanece viva na memória daquelas gerações que se preocupam em dialogar com seus antepassados. É o sujeito pós-moderno que deseja frear a dinâmica acelerada da sociedade, esta que não permite que as memórias sejam sedimentadas.

Por fim, esse artigo inicia um caminho para avançar na reflexão sobre essa inquietação. Faz-se, contudo, necessário aprofundar os aspectos apresentados nele em relação à fotografia como peça constitutiva de uma memória e identidade vinculada à história de vida e da família do sujeito, compondo sua subjetividade. Aprofundar como o *habitus* e o amplo presente influenciam o ato fotográfico, incluindo uma

metodologia de análise dos registros fotográficos (esta a ser definida). Abordar como os retratos de família atuam na constituição da estética da existência, na sociedade atual, que tem, entre outros recursos, a materialidade fotográfica de fragmentos da vida cotidiana dos antepassados como desencadeador da memória.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **O presente e o passado como processo comunicacional**. Revista Matrizes, v.5, nº 2, p. 145-155.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. [ed. especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras Escolhidas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, vol. 1.

\_\_\_\_\_. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pequena história da fotografia. IN: Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 9. ed. – Campinas, SP: Papiрус, 1996.

CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza**. Edição em português: Editorial Gustavo Gili, SL, 2004, p. 15-38.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. rev. São Paulo: Atêlie Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. IN: ETIENNE, Samain. O fotográfico**. São Paulo: Hucitec. 1998, p. 41 – 47.

LEITE, Miriam L. M. **Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. IN: ETIENNE, Samain. O fotográfico**. São Paulo: Hucitec. 1998, p. 35 – 40.

\_\_\_\_\_. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. 2ª ed. ver. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SANZ, Cláudia L. **Passageiros do tempo e a experiência fotográfica: do álbum de família ao blog digital**. NP 20 – Núcleo de fotografia: Cultura e Comunicação, do XXVIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom - 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abbas kiarostami 103, 104, 105, 107, 109, 110, 112, 113, 114, 115  
Alike 277, 279, 280, 281, 282, 283  
Análise de conteúdo híbrida 89, 90  
Análise do discurso 76, 79, 82  
Assédio 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 258, 259  
Assistência social 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62  
Ativismo online 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 195

### B

Binge watching 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228

### C

Chantal akerman 230, 231, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240  
Cibercultura 4, 87, 101, 139, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 157, 182, 183, 267, 276, 285  
Cinema intelectual 230, 231, 232, 235, 239  
Cinema iraniano 103, 104, 109, 111, 114  
Close reading 277, 280, 284  
Clube da alice 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124  
Compras online 116, 121  
Comunicação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 23, 27, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 113, 116, 119, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 181, 182, 184, 185, 187, 188, 194, 195, 196, 197, 202, 213, 215, 216, 222, 223, 229, 241, 248, 249, 253, 261, 262, 264, 266, 274, 278, 279, 283, 285  
Comunicação mercadológica 92, 126, 127, 135, 137  
Comunicação organizacional 89, 90, 91, 101, 103, 136, 137, 167, 184, 195  
Comunicação política 61, 103  
Conar 152, 153, 154  
Conhecimento 18, 19, 23, 25, 31, 38, 41, 45, 55, 72, 76, 79, 80, 89, 90, 91, 93, 97, 100, 127, 142, 143, 144, 147, 150, 171, 172, 173, 174, 176, 182, 188, 198, 208, 210, 222, 255, 261, 275, 277, 285  
Consumidor 2, 7, 30, 127, 128, 141, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 154, 195, 221, 265, 266, 267, 275, 285  
Consumo 5, 7, 48, 58, 70, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 126, 127, 130, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 201, 212, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 245, 251, 257, 261, 264, 267, 268, 271, 275, 285  
Convergência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 40, 42, 47, 48, 49, 50, 195, 264, 265, 266, 267, 272, 275, 276

Cortes na educação 76, 79, 82, 83, 84, 85  
Cultura popular 126, 127, 128, 129, 130, 134, 135, 138, 241, 245, 275  
Curitiba 75, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 151, 195, 207

## D

Democracia 52, 53, 57, 60, 61, 65, 69, 77, 78, 144, 158, 161, 186, 205  
Dogmatismo 14  
Dogmatização na linguagem 14, 15, 25

## E

Engenharia genética 169, 170, 179  
Ética 33, 55, 65, 152, 153, 159, 169, 178, 179, 181, 182, 203

## F

Facebook 6, 56, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 98, 101, 116, 117, 119, 120, 121, 124, 149, 150, 164, 251, 252, 254, 262, 263  
Ficção seriada 217, 218, 264, 265, 266, 267, 268, 271  
Folkcomunicação 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 137, 139  
Folkmarketing 126, 128, 130, 131, 135, 136, 137, 139  
Forma e conteúdo 30, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 242  
Fotografia 30, 198, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 278  
Fotografia de família 207, 208, 209, 210, 213, 215

## G

Gaby amarantos 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250  
Gaúchazh 1, 5, 6, 8, 9, 12

## H

Habitus 135, 207, 209, 210, 213, 214, 215  
Hashtag 184  
He jiankui 169, 170, 177, 178  
Humans of New York 251, 252, 253, 254, 256, 257, 261, 262

## I

Identidades 44, 86, 144, 180, 187, 207, 213, 248, 249, 250  
Imaginário 3, 30, 32, 38, 91, 196, 199, 201, 212, 216, 242, 278  
Interatividade 3, 46, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 165, 172, 177, 178, 183, 277, 279, 280, 281, 282, 283

## J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 50, 51, 133, 134, 196, 206, 251, 252, 253, 255, 256, 262, 285  
Jurunas 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

## L

Lei de acesso à informação 63, 64, 65, 68, 69, 70

## M

Manifestação artística cultural 103

Maratona 217, 221, 224, 228

Mídia 4, 5, 12, 14, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 46, 47, 50, 57, 60, 77, 82, 86, 88, 101, 118, 132, 135, 141, 143, 147, 150, 155, 159, 162, 163, 168, 189, 195, 205, 218, 221, 222, 239, 241, 246, 248, 250, 264, 266, 267, 277, 278, 279, 283, 285

Mitologia 196, 203

## N

Narrativa 16, 18, 35, 109, 148, 212, 217, 226, 234, 246, 251, 254, 255, 256, 258, 260, 261, 262, 264, 265, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 279, 281, 283

## P

Parintins 126, 127, 128, 129, 131, 132, 137, 138

Pesquisa exploratória 217, 228

Popularização da ciência 169, 170, 173, 174, 175, 176, 181, 182

Pós-verdade 196, 197, 198, 206

Produção de conteúdo 3, 7, 8, 40, 41, 45, 47, 48, 49, 50, 89, 101, 267

Publicidade infantil 152

## R

Rádio 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 72, 96, 171, 266

Redações convergentes 40, 41, 51

Regionalização 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51

Residência hill 264, 265, 268, 269, 270, 271, 275, 276

## S

Serguei eisenstein 230, 239

Sites de redes sociais 76, 79, 87

Streaming 217, 220, 222, 223, 229, 264, 265, 266, 267, 268, 271, 275

## T

Tecnologia 6, 45, 65, 67, 70, 74, 88, 98, 124, 126, 127, 142, 143, 151, 158, 171, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 183, 210, 212, 239, 241, 242, 244, 248, 266, 268, 278, 279

Transparência 57, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 159, 170

Twitter 72, 76, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 116, 150, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 204, 254

## U

Universidades federais mineiras 89

Uso e gratificações 217, 218

## V

Violência 27, 28, 29, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 44, 95, 181, 187, 192, 200, 254, 258

Visibilidade 31, 38, 60, 89, 90, 91, 93, 97, 100, 101, 109, 184, 185, 188, 195

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**